

3. Conclusões

A análise detalhada, realizada tanto individualmente (ponto 2.4.1) como por categoria (ponto 2.4.2), das 86 escolas visitadas, permite e exige o remate de uma perspectiva mais globalizante ao longo da qual, de uma forma tão objectiva quanto possível, se torne mais nítido ainda o panorama aqui divulgado.

Convém antes de mais realçar os seguintes aspectos:

- das cerca de 500 escolas secundárias do continente português (Rede Pública de Educação e Ensino – 2000), menos de 1/5 revelou à partida possuir o perfil adequado à sua inclusão num estudo mais detalhado (Tabela II);
- esta fracção, no entanto, cobre praticamente todo o território referido (Quadro-síntese II);
- as 86 escolas visitadas dividem-se em dois grandes grupos (Quadro-síntese III), respectivamente o daquelas que não possuem Museu/Núcleo Museológico/Sala de Exposições (47 escolas), e o das que o possuem (39);
- o primeiro grupo referido inclui 9 categorias distintas, e o segundo 7 (Quadro-síntese III).

Considerando que a eventual solução de qualquer problema exige o seu conhecimento prévio, e porque não resta qualquer dúvida, após este levantamento, de que a prática museológica em meio escolar em Portugal necessita urgentemente de atenção, e para que o trabalho que aqui se apresenta possa eventualmente vir a contribuir para quebrar esse estado de extrema solidão e a terrível sensação de “remar contra a maré”, que os muitos professores anónimos envolvidos em projectos neste domínio enfrentam diariamente, resta reflectir um pouco sobre o conjunto de dificuldades mais sentidas. A sua listagem, com referência ao conjunto de escolas em que cada uma se revela mais limitante, consta na Tabela IX.

Tabela IX – síntese das principais limitações referidas nas escolas visitadas.

Descrição	Número total de referências	Escolas <u>sem</u> Museu/ Núcleo Museológico/ Sala de Exposições	Escolas <u>com</u> Museu/ Núcleo Museológico/ Sala de Exposições
Verbas	19	10	9
Espaço	43	24	19
Factor humano	32	13	19
Espólio	22	9	13
Formação	12	6	6

Como pode observar-se, o total de limitações apontadas distribui-se por 5 vertentes distintas, relacionadas com as verbas, o espaço, o factor humano, o espólio, e a formação.

Relativamente à questão da formação, não parece existir, na maioria das escolas visitadas, uma procura deliberada de soluções nesse domínio, uma vez que ele não é considerado fundamental para a dinamização mais efectiva dos processos em curso. Mesmo nas doze escolas que a referem, ela é citada em três contextos perfeitamente distintos:

- formação em áreas técnicas específicas, em relação com as temáticas abordadas;
- formação em restauro, cuja solução passa normalmente pela procura de firmas especializadas;
- formação em Museologia, área em que se reconhece a falta de conhecimentos, tanto do corpo docente em geral, como dos dinamizadores dos projectos em particular, lamentando-se particularmente o desconhecimento de acções ou cursos, a resposta pouco satisfatória do extinto Instituto Histórico da Educação, ou uma expectativa “paralisante” relativamente ao referido Instituto.

No que respeita ao problema da falta de verbas, o seu efeito negativo vai acentuar sobretudo outras duas limitações:

- a nível dos espaços, inviabilizando a sua recuperação ou a optimização das condições neles existentes;
- a nível do espólio, comprometendo por vezes seriamente a sua recuperação ou a sua ampliação, que fica então limitada a eventuais doações.

Ainda em relação com a questão do espaço, pode considerar-se que corresponde, de todas as problemáticas referidas, à que apresenta repercussões mais gravosas no momento actual. O seu impacto sobre os processos em curso pode ter várias origens:

- espaço inexistente;
- espaço existente mas não disponível para o fim pretendido;
- espaço existente, mas em más condições de conservação, exigindo uma recuperação prévia;
- espaço existente, mas diminuto em relação ao espólio;
- espaço insuficiente para reservas;
- espaço disponível pouco adequado ao objectivo, dificultando a capacidade de preservação e não permitindo a exposição nas condições ideais;
- espaço transitório indisponível, para transferência do espólio durante etapas específicas de desenvolvimento dos projectos.

Quanto ao espólio, são também muito diversificados os problemas que levanta:

- os frequentemente longos períodos de abandono, conduzem a danos e perdas consideráveis, obrigando, numa primeira etapa, à difícil tarefa de seleccionar o que não poderá já ser utilizado, no sentido de desocupar o respectivo espaço;

- a manutenção das reservas revela-se com frequência extremamente difícil de conseguir satisfatoriamente;
- a dimensão e peso de algumas peças são por vezes obstáculos difíceis de transpor;
- a perda de informação original das peças é outro problema frequentemente encontrado e de difícil solução;
- o mobiliário muito antigo, também ele por vezes deteriorado, constitui um problema adicional de segurança;
- o restauro/recuperação são problemas sempre difíceis de solucionar, pelas verbas e mão-de-obra especializada que geralmente exigem;
- a instalação nos espaços disponíveis constitui, pela sua própria natureza, um processo moroso;
- a dificuldade de ampliação dos espólios, principalmente no caso dos mais reduzidos, constitui uma causa adicional de inércia.

A todos os problemas já referidos junta-se, por último, o factor humano, que se manifesta, na maior parte dos casos, por uma falta da disponibilidade sem reservas tão importante para o sucesso, associada a várias circunstâncias:

- não atribuição, aos dinamizadores dos projectos, de horas de redução, ou horas de redução em número reduzido relativamente às tarefas exigidas, gerando uma falta de tempo que vai tornar ainda mais acentuada a morosidade dos diferentes processos;
- reduzido número de pessoas envolvidas;
- transferência dos dinamizadores para outros estabelecimentos de ensino, ou sua ausência da escola por outras razões;
- dificuldade de sensibilização a nível dos diferentes grupos disciplinares, da comunidade local, e por vezes dos Conselhos Executivos;
- envolvimento dos professores e grupos disciplinares em outras actividades consideradas prioritárias;
- inexistência de auxiliares de acção educativa específica e exclusivamente designados para tarefas de apoio aos projectos;
- autonomia reduzida dos projectos, em que facilmente se reflectem as fragilidades de outras estruturas escolares de que dependam, como por exemplo de Clubes;
- dificuldades de conciliação dos horários dos diversos intervenientes em cada processo.

A solução para todos estes problemas não reside, obviamente, dentro dos recintos escolares. A rede complexa em cujo emaranhado se debatem as escolas envolvidas em actividades e projectos do

foro museológico (Figura 28), exige uma multiplicidade de esforços que indiscutivelmente deverão passar por uma real definição de objectivos a alcançar e estratégias para tal conseguir.

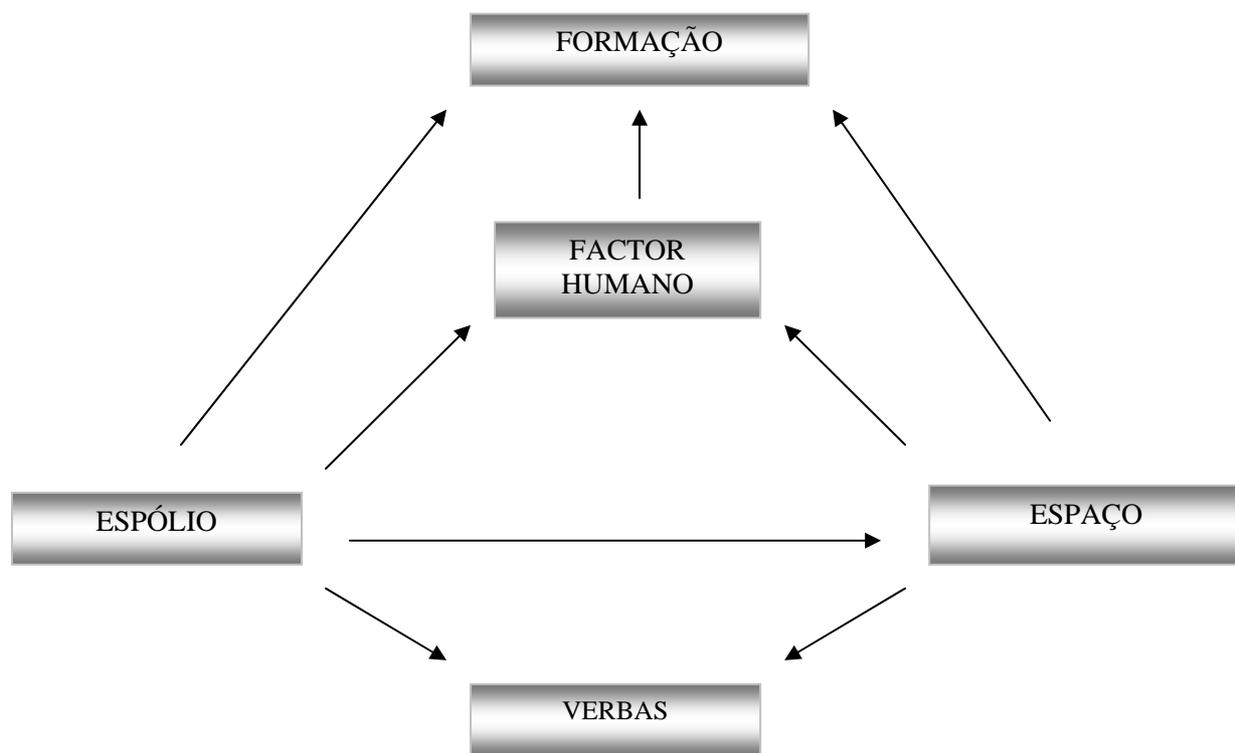


Figura 28 – rede de factores que limitam o desenvolvimento dos processos em cada escola.